

À procura dos responsáveis

Barbosa Lima Sobrinho

PELO tom dos comentários, até parece que o ministro Dilson Funaro é o responsável pela enorme dívida externa, que o Brasil não pode pagar. Não se trata, aliás, de uma questão de querer ou não querer pagar. O caso é muito mais difícil, e foge à vontade ou aos desejos dos governantes. Volta-se sempre a Teotônio Vilela, que fazia questão de perguntar: "Pagar? Como?" Se não há divisas para isso, mesmo que se raspem as paredes das casas fortes, em que são recolhidas as economias do país. Já se disse, há muito tempo, e em latim, que ninguém é obrigado a fazer o impossível. Mesmo que o quisesse, ou o desejasse. Por isso Fidel Castro invoca, para não pagar, uma razão matemática, na recente entrevista publicada na revista *Veja*.

Se há responsáveis pela situação atual de inadimplência, são os governos que procuraram fugir a dificuldades momentâneas, com o aumento da dívida externa. Basta recordar que há vinte e poucos anos, ainda no tempo da Presidência do sr. João Goulart, a dívida externa ficava pouco acima de três bilhões de dólares. O que já era excessivo, dadas as divisas que resultavam do saldo de nosso comércio exterior, uma vez que não podemos emitir dólares, privilégio naturalmente exclusivo dos Estados Unidos. O que não evitou que os governos que vieram depois do sr. João Goulart não parassem mais o recurso ao endividamento externo. Nenhum deles se empenhou, como Getúlio Vargas, em reduzir os compromissos do Brasil. Em vez de Messias salvadores, não tivemos senão colaboradores esforçados para que o Brasil chegasse a uma situação de insolvência, evitada, de pires na mão, com o crescimento imoderado da dívida externa. O que me parece que não chegou a

ser considerado, na missa do dia 31 na Igreja da Conceição dos Militares.

Pois o que aconteceu, depois da presença dos Messias, foi exatamente o contrário do que se poderia esperar. Verdade que não eram governos eleitos pelo povo, tão-somente homologados por um Colégio Eleitoral sem nenhuma autonomia, e que talvez nem soubesse, na verdade, quem estava indicando, os nomes em que devia votar. Assim durante vinte e poucos anos, para alcançar uma liberdade mais consentida do que conquistada.

Durante esses vinte e poucos anos de ausência total do eleitorado brasileiro, a dívida externa não parou de crescer. Segundo os números que encontramos na excelente pesquisa do sr. Carlos von Dollinger, em 1970, já estávamos com mais de cinco bilhões de dívida com os bancos internacionais. E, a partir daí, parece que predominou o sentido de uma progressão geométrica. Nove bilhões e meio em 1972, 32 bilhões em 1977, sempre sob a responsabilidade de competentes financistas, como já Amaro Cavalcanti nos havia prevenido. Assim chegamos a 91 bilhões em 1984. Nem havia como argumentar com o choque do petróleo, em 1973, uma vez que a dívida ia subindo morros com uma velocidade alucinante. E tanto já estávamos no limite das impossibilidades, que o único recurso para pagar era contratar novos empréstimos, que não faziam senão aumentar a impossibilidade de pagar. Não custamos muito a atravessar a barreira dos 100 bilhões e afigurar nas estatísticas como maior devedor do mundo, com exceção, tão-somente, dos Estados Unidos.

Tudo isso não obstante a recomendação do Papa João XXIII, que já nos havia recomendado, em artigo publicado na revista *Sintese*, que "quando uma Nação, ou parte dela (falava aos agricultores da

Itália) espera tudo de fora e se sente mais inclinada a acusar os outros do que de estimular-se a si mesma, então há razão para recluir pela sua liberdade e pela própria vida nacional". O que até parecia uma repetição do conselho de George Washington de não fazer depender o destino dos Estados Unidos das outras nações, ou do estrangeiro. Seria Washington um caso irreversível de xenofobia?

Na verdade, que se podia esperar de uma orientação política marcada pela imprevidência, assumindo compromissos que não poderiam ser cumpridos? Costumava-se dizer, como evidência de uma terapêutica infalível, que "exportar é a solução". Num país que nunca deixou de exportar, desde os primeiros dias de sua presença, ainda na época do pau-brasil. Quando ninguém tem o direito de ignorar que exportar está sujeito a problemas e dificuldades, que escapam à vontade dos países que precisam de exportação. Veja-se o caso atual dos Estados Unidos. É senhor absoluto da economia mundial. Pois até agora não soube como evitar os saldos imensos que o Japão obtém, na balança comercial, diante da nação do Presidente Reagan.

Os grandes economistas com que o Brasil contava, nesses vinte e poucos anos de poderes discricionários, parece que acreditavam que bastava querer exportar, para que os saldos se avolumassem na sua balança comercial. E aí está o resultado, uma dívida externa de mais de 100 bilhões de dólares. Uma dívida que o Brasil não pode pagar. Para prova de que tudo que eles fizeram, e conquistaram, foi arrastar o Brasil aos caminhos da insolvência.

Até mesmo porque, nas relações comerciais, um saldo, como o do Japão, constitui exceção, ou, quando muito, vale pela demonstração de uma superioridade tecnológica irresistível. Porque a regra do comércio exterior é o equilíbrio. Nenhum país se resigna a uma posição deficitária, e procura empregar todos os esforços ao seu alcance para recuperar situação de equilíbrio. O protecionismo nunca foi mais que uma resultante desse esforço para alcançar o equilíbrio entre exportações e importações. Senão diretamente, pelo menos em transações triangulares, que proporcionassem as divisas necessárias, quando não há, como acontece com os Estados Unidos, a renda de capitais e serviços que também proporcionam divisas, mesmo sem precisar recorrer à fabricação de dólares, no sistema bancário existente. As máquinas emissoras não deixam de valer como as que se incumbem do videopôquer, que acabaram entrando na crônica policial.

Por isso, em face dos ataques e críticas que vem sofrendo, bem que o sr. Funaro poderia repetir a frase que se atribui ao rei Afonso Henriques, na batalha de Ourique, segundo o poeta luso: "Aos infieis, senhor, e não a mim, que creio no que podeis."

